

# A vertigem entre tempos

Flávia Muniz Roque

**Flávia Muniz Roque** é farmacêutica e psicanalista em formação. Especialista em Teoria Psicanalítica pela PUC-SP, aluna do Curso de Psicanálise, integrante do grupo de trabalho “Comunidade de destino”, aspirante a membro do Departamento de Psicanálise e aprimoranda da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae.

**Resumo** Escrito em primeira pessoa, o texto apresenta a reflexão da autora sobre o início de seu percurso de formação como psicanalista em meio ao caos pandêmico e político de 2021 e, posteriormente, durante a implementação da política de cotas no Instituto Sedes e no Departamento de Psicanálise. Coloca em relevo as marcas produzidas nesse processo pelo tensionamento diante das contradições e conflitos surgidos no ambiente interracial em processo de transformação e defende a importância de “sustentar a vertigem”.

**Palavras-chave** formação em psicanálise; contexto político; cotas raciais; ambiente interracial e vertigem.

**DOI:** 10.70048/percurso.74.111-116

Esse retorno em espiral só pode provocar a vertigem<sup>1</sup>  
[Édouard Glissant]

“Que tempos são esses em que inventei de querer ser psicanalista?” – me questionei meio incrédula, rindo da situação, frente à tela do computador, na primeira aula on-line do curso “Clínica psicanalítica: conflito e sintoma”, em meio ao caos pandêmico em março de 2021. As condições pareciam tão absurdas que, por um instante, questionei se a minha decisão também era.

Entre as oscilações do sinal da internet e oscilações emocionais, os congelamentos das nossas telas e os congelamentos dos nossos planos, surfávamos num mar de incertezas, puxados pela correnteza do negacionismo, temendo a onda da ascensão da extrema direita que ainda nos assola. Os primeiros passos no meu processo de formação perseveravam em meio a um colapso sanitário que nos custou muito como sociedade. Quanto exatamente, ainda não sabemos ao certo.

A psicanálise forneceu alicerce teórico para meus questionamentos ao mundo e serviu de alento por possibilitar uma certa compreensão ou senso, num momento em que nada parecia fazer sentido.

O cenário era de uma pandemia sem precedentes, sob um governo perverso, caquistocrata e deliberadamente negacionista, que nos colocava no segundo lugar no ranking mundial no número de vítimas da COVID-19, entre as quais os negros eram os que mais morriam e os que menos recebiam vacina em comparação com os brancos. A boiada passava, destruindo nossas reservas florestais e levando consigo os direitos à terra conquistados pelos povos indígenas e o seu direito à vida. O esgarçamento do tecido democrático ocorria

<sup>1</sup> E. Glissant, *O discurso antilhano*, p. 148.

não só no Brasil, mas no mundo, e se manifestava também pelas redes sociais, que veiculavam uma enxurrada de notícias falsas e constantes ataques às minorias e às conquistas das lutas sociais.

Reformulando a pergunta, “Que tempos são esses, afinal? E o que significa se formar psicanalista nesses tempos?”. Imagino ser uma questão da qual todo psicanalista se ocupa, ou deveria se ocupar, independentemente da época, em seu processo de formação. Cada fragmento da história, desde a criação da psicanálise, parece ter tido sua questão desafiadora e impulsionadora, capaz de movimentar as reflexões sobre clínica e o social.

Não é mera coincidência que, numa reviravolta sinistra da história – que remete a tempos obscuros do passado da ditadura militar no país, cuja sombra ainda paira sobre nossa sociedade, e com a qual nunca acertamos as devidas contas –, despertou em mim o desejo de aprofundar meus estudos em psicanálise e me tornar psicanalista.

Meus colegas de turma e eu ingressamos no Curso de Psicanálise<sup>2</sup> em 2022, a primeira turma que iniciava o curso no modelo presencial após dois anos de isolamento social. Ainda com máscaras sobre os nossos rostos e mantendo o distanciamento, fomos nos conhecendo e percebendo que éramos um grupo de diferentes origens, diferentes graduações, ainda que definitivamente, em sua grande maioria, pessoas brancas e cis.

Iniciamos nosso curso em meio ao turbilhão de um ano eleitoral. Saíamos das aulas compartilhando informações sobre atos em prol da democracia, muitas vezes os seminários nos instigavam a refletir e discutir sobre nosso momento político pelo prisma da psicanálise. Saberíamos mais tarde que o governo então vigente, numa aliança civil-militar, planejou e tentou executar um golpe de Estado que culminou no fatídico dia 08 de janeiro de 2023.

Essa volta espiralar no tempo me remeteu à frase atribuída ao escritor norte-americano Mark Twain “a história não se repete, mas rima por vezes”<sup>3</sup>. Estar em um Instituto que carrega em sua gênese a luta pela democracia e que se posiciona como guardião da memória e testemunha



*inaugurou-se, também  
em 2022, um importante  
momento histórico no Instituto  
e no Departamento. Foi o ano  
do ingresso das primeiras  
turmas após a implementação  
das cotas raciais  
como parte da Política  
de Reparação*

da resistência contra violências de Estado (que insistem em apagar) ocupou para mim um lugar simbólico de importância em tempos sombrios.

Inaugurou-se, também em 2022, um importante momento histórico no Instituto e no Departamento. Foi o ano do ingresso das primeiras turmas após a implementação das cotas raciais como parte da Política de Reparação no Instituto Sedes e o ano da criação da Comissão de Reparação e Ações Afirmativas destinada a traçar estratégias de intervenções antirracistas, planejar sua implantação e sua sustentabilidade e extensão para todos os eventos, grupos de trabalho e cursos, clínicas e departamentos<sup>4</sup>.

O Departamento de Psicanálise foi pioneiro no Sedes ao trazer o debate racial à mesa, abrindo caminhos que levariam à criação do grupo de trabalho “A cor do mal-estar” em 2018, responsável por promover diversas ações e discussões sobre o racismo estrutural e a branquitude naturalizada em nosso país. Foi o Departamento que se propôs a agir frente ao apagamento e à invisibilidade dos corpos negros e indígenas nas instituições psicanalíticas, na transmissão da psicanálise, no fazer clínico e na compreensão do social.



*os efeitos do racismo  
estrutural se manifestam  
a despeito de nossa vontade,  
por vias inconscientes a serviço  
da recusa, criando dissonância  
entre a própria concepção do Instituto  
e a que este sempre se propôs,  
mas de certo não destoa  
do seu histórico  
majoritariamente branco*

Há de se reconhecer essa fundamental conquista, condizente com o que o curso e o departamento se propunham desde os seus primórdios, como lugar de formação de psicanalistas e produção de psicanálise que considerava as questões sociais e políticas vigentes e as transformações relativas ao seu próprio campo, e colocava em questão a democratização do acesso à formação psicanalítica em contraposição a uma política elitista de transmissão<sup>2</sup>.

A luta antimanicomial, a luta pelos direitos humanos, a luta contra a violência do Estado, a luta pela democracia e a democratização do acesso à formação psicanalítica estão todas na

encruzilhada da raça, da classe e do gênero, essas lutas sempre foram inerentes ao movimento negro, o que não é sempre reconhecido.

Quando eu, mulher negra, me vi na aula inaugural do meu ano, junto a três colegas negros frente a uma turma de colegas predominantemente branca, outro questionamento se impôs: “Afim de contas, o que significa se formar psicanalista, neste departamento, neste momento de sua história?” É uma pergunta que ainda não pude responder, por não ter tomado distância suficiente para chegar a qualquer conclusão. Estou experimentando e experienciando as possíveis respostas.

Os efeitos do racismo estrutural se manifestam a despeito de nossa vontade, por vias inconscientes a serviço da recusa, criando dissonância entre a própria concepção do Instituto e a que este sempre se propôs, mas de certo não destoa do seu histórico majoritariamente branco. Tais efeitos se apresentam nas contrariedades o tempo todo, diante daqueles cuja presença contrasta com o plano de fundo composto por corpos brancos. É um contraste que não se restringe aos corpos negros, se estende aos corpos trans, aos corpos com deficiência e a qualquer outro corpo que destoa daquilo que se estabeleceu como o ideal.

O conflito do desejo e do direito de ali estar com a sensação de não pertencimento se manifesta frequentemente. Os livros que nunca li, filósofos que nunca estudei, artistas que nunca conheci, ambientes que nunca frequentei sublinham as diferenças e aludem ao abismo entre as experiências. Em contrapartida, há outras fontes, outras perspectivas, outras referências, outros pensadores, contribuições da rua, do samba, do rap, da periferia, que reivindicam lugar nas discussões, nas monografias, nas reflexões que horizontalizam os debates.

Por um lado, temos encontrado na bibliografia dos programas dos seminários mais diversidade de autores em termos de raça, classe, gênero e sexualidade, e também diversidade de textos psicanalíticos, ampliando as discussões sobre os mais variados temas da contemporaneidade. Por outro

2 O Curso de Psicanálise foi criado em 1976, com o nome de Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica, num momento concomitante ao da estruturação do Instituto Sedes Sapientiae como espaço de formação nas áreas da Psicologia, da Educação e da Filosofia e lugar de resistência à ditadura civil-militar então vigente (*Guia do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*, 4. ed., 2023, p. 16).

3 Frase atribuída ao escritor norte-americano Samuel Langhorne Clemens, mais conhecido pelo pseudônimo Mark Twain (1835-1910), mas não há evidências dessa autoria. Mark Twain foi um escritor e humorista estadunidense crítico do racismo.

4 Comissão de Reparação e Ações Afirmativas (*Guia do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*, 4. ed., 2023, p. 62).

5 “Psicanálise: 20 anos de Sedes Sapientiae”, in *Histórias e memórias*. Publicação do Instituto Sedes Sapientiae, p. 44.

lado, as manifestações inconscientes, os lapsos de linguagem, os esquecimentos, os chistes, as resistências reverberam a estrutura racial que insiste em operar. Isso também aparece nas fetichizações, na instrumentalização da diversidade, nos apagamentos das diferenças, nas invisibilizações.

As contradições que se apresentam no ambiente interracial em processo de transformação provocam um atordoamento. Tenho gostado da palavra vertigem, mencionada por Edouard Glissant<sup>6</sup> para descrever o efeito do retorno em espiral. Tal palavra me instigou a pensar numa vertigem entre tempos. O processo de formação em psicanálise no Departamento está sendo vertiginoso diante das exigências dos nossos tempos, resultante do conflito da parte que resiste, em contraposição à parte que anseia por mudança. A vertigem é compartilhada, ambivalente e vivenciada por todos nós.

Suportar a vertigem não é fácil: a tarefa provoca inquietações, aciona defesas ao abalar o que alicerça nossos conjuntos de crenças quanto ao social, o cultural e o singular, e perturba nossas concepções de mundo, nossas convicções. Entretanto, essa é sua potência, ela movimenta, impulsiona e nos possibilita criar diferentes cursos, diferentes rumos.

A transmissão da psicanálise também é atravessada pela vertigem, e nesse momento, a reboque do debate racial e da reflexão sobre nossa condição sociocultural, vem a oportunidade de repensarmos os limites da clínica, as condições de escuta da singularidade e do social, e os impasses do sujeito na vida contemporânea à luz dos seus marcadores sociais, raciais, de gênero e de classe.

As experiências como aluna do Departamento têm me convocado a pensar que cabe a nós, jovens psicanalistas, e aos não tão jovens também, colocar a psicanálise para trabalhar diante dos desafios que se apresentam na clínica e no social em nossos tempos, com as particularidades do nosso território, da nossa história e da nossa cultura. Não podemos cobrar Freud por um trabalho que nos cabe. Isso é nos formarmos psicanalistas nesse momento.



*a transmissão da psicanálise  
também é atravessada pela  
vertigem, e nesse momento,  
a reboque do debate racial  
e da reflexão sobre nossa condição  
sociocultural, vem a oportunidade de  
repensarmos os limites da  
clínica, as condições de escuta  
da singularidade e do social*

Contribuiremos na produção desse saber, ancorados num posicionamento ético-político, atentos aos atravessamentos sociais sem perdemos de vista o sujeito e seus impasses? Lutaremos para a democratização da psicanálise, almejando uma formação antirracista, que circule em outros territórios e outros espaços? Tensionaremos o debate e aproveitaremos a sua potência para transgredir os pactos narcísicos e os pactos de silenciamento?

Há de se admitir um dilema, a urgência em busca de uma mudança significativa que, infelizmente, leva tempo. Esse dilema não é somente do Departamento de Psicanálise, é de qualquer instituição que se proponha a produzir reparação histórica aos que foram excluídos desses ambientes. Para alguns de nós, a vertigem está posta há muito tempo. O custo da espera é alto e temos muito em jogo.

No texto “A potência do encontro interracial no espaço da formação psicanalítica”, pontuo um argumento:

Mas, para que esses esforços e as políticas de reparação tenham êxito e alcancem, de fato, seus objetivos, é necessário que haja a experiência de continuidade, garantindo



*a sustentação da vertigem  
não deve ser confundida  
com resiliência à violência, mas tem  
o dever de evitar um desmentido.  
É responsabilidade de todos nós  
cuidarmos para que essa dinâmica  
favoreça o processo de criação  
a partir do tensionamento,*

um ambiente de não vulnerabilidade para o negro. [...] Cabe a nós fazer dessas vias novos tensionamentos

contribuindo, neste caso, para um espaço de formação em que a pessoa negra experencie uma dinâmica diferente, não mais aquela traumática<sup>7</sup>.

A sustentação da vertigem não deve ser confundida com resiliência à violência, mas tem o dever de evitar um desmentido. É responsabilidade de todos nós cuidarmos para que essa dinâmica favoreça o processo de criação a partir do tensionamento, uma formação que nasça da potência de um grupo heterogêneo, diverso, junto a psicanalistas comprometidos com decolonialidade, implicados com seu processo de racialização e de sua história.

A experiência com a vertigem entre tempos parece ser a marca da minha formação no Departamento de Psicanálise, fruto das contingências que criaram, ao mesmo tempo, do meu tempo, desafio e potência.

6 E. Glissant, *op. cit.*, p. 148.

7 M.S. Pereira; P. Robles, "A potência do encontro interracial no espaço da formação psicanalítica", *Percurso*, 73, p. 86.

## Referências bibliográficas

- Freud S. (1986). *Cartas a Sándor Ferenczi*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Glissant E. (1981). *O discurso antilhano*. Paris: Seuil. [Ed. Folio, 1997]
- Instituto Sedes Sapientiae (1998). "Psicanálise: 20 anos de Sedes Sapientiae", in *Histórias e Memórias*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae.
- \_\_\_\_\_. (2023). *Guia do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*, 4. ed.
- Pereira M.S.; Robles P. (2024). A potência do encontro interracial no espaço da formação psicanalítica. *Percurso*, 73, Ano XXXVII, DOI: <https://doi.org/10.70048/percurso.73.85-90>.

## The vertigo between times

**Abstract** Written in the first person, the text presents the author's reflections on the beginning of her training as a psychoanalyst amid the pandemic and political chaos of 2021, and later, during the implementation of affirmative action policies at the Sedes Institute and the Department. It highlights the marks left by this process through the tensions arising from contradictions and conflicts within an interracial environment in transformation, and argues for the necessity of holding the vertigo.

**Keywords** psychoanalytic training; political landscape; racial quotas; interracial environment; vertigo.

**Texto recebido:** 03/2025.

**Aprovado:** 05/2025.